

## **Fotografia, imaginário e os lugares do Outro: um passeio por imagens do ataque israelense à Faixa de Gaza**

### ***Fotografía, imaginario y lugares del Otro: un recorrido por las imágenes del ataque israelí sobre Gaza***

#### *Photography, imaginary and the places of the Other: a visual tour over the Israeli attack on Gaza*

*Alberto Carlos Augusto Klein*<sup>1</sup>

*Regina Krauss*<sup>2</sup>

**Resumo** *Este trabalho apresenta a análise da cobertura imagética do maior ataque israelense à faixa de Gaza nas capas da Folha de S. Paulo entre dezembro de 2008 e fevereiro de 2009. A partir dos esquemas de representação escolhidos na edição fotográfica do jornal, atenta para a caracterização dos lados envolvidos utilizando como subsídio os conceitos de teóricos da imagem, além das noções de estereótipo e arquétipo, para compreender de que modo se elabora a construção da Alteridade na oposição Ocidente versus Oriente.*

**Palavras-chave:** *Fotojornalismo. Alteridade. Israel e Palestina. Folha de S. Paulo.*

**Resumen** *Este documento presenta el análisis de la cobertura de las imágenes del conflicto entre palestinos e israelíes en la cobertura de la Folha de S. Paulo, desde diciembre de 2008 a febrero de 2009, cuando ocurrió el mayor ataque israelí contra Gaza. Com base en los esquemas de representación elegida en la edición de fotografías de periódicos, teniendo en cuenta la caracterización de los cometidos en el conflicto, utilizando los conceptos de la teoría de la imagen y la semiótica de la cultura de Bystrina, más allá de las nociones de estereotipo y el arquetipo, de comprender cómo se produce la construcción de la alteridad en la oposición al Occidente frente al Oriente.*

**Palabras-clave:** *Fotoperiodismo. Alteridad. Israel y Palestina. Folha de S. Paulo.*

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), é professor do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

<sup>2</sup> Mestre em Comunicação e graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Londrina, é professora da mesma instituição.

**Abstract** *The aim of this paper is to present an image analysis of photographic coverage on the largest Israeli attack on the Gaza Strip through the covers of Folha de S. Paulo between December 2008 and January 2009. Based on the schemes of representation chosen in the newspaper photo editing, this paper considers the characterization of the two sides involved, using as support the theoretical concepts of the image, still the notions of stereotype and archetype, to understand how it produces the representation of Otherness in the opposition West versus East.*

**Keywords:** *Photojournalism. Israel and Palestine. Otherness. Folha de S. Paulo.*

---

Data de submissão: 16/09/2011

Data de aceite: 25/05/2012

O tom festivo que marca os noticiários nas viradas de ano deu lugar, na passagem de 2008 para 2009, a manchetes e imagens da maior ofensiva israelense em quarenta anos à faixa de Gaza. Sob a alegação de que o grupo palestino Hamas disparava foguetes ao território israelense, a operação militar resultou na morte de mais de mil palestinos, sofrendo repúdio internacional devido ao emprego de força desproporcional. Mesmo diante da impossibilidade de imobilizar o Hamas, o massivo ataque contra os palestinos serviu como manobra política e espetacular para angariar dividendos políticos ao partido do combalido ministro Ehud Olmert, em final de mandato.

Durante o conflito, entre 19 de dezembro e 22 de janeiro, Israel proibiu a entrada de comida e combustível em Gaza, que já vivia uma grave crise humanitária devido ao bloqueio antes apenas econômico. Enquanto isso, o Hamas permaneceu atacando Israel com foguetes ou através de militantes primariamente armados, não faltando mesmo a imagem jornalística recorrente do menino com uma pedra na mão em frente a um tanque de última tecnologia israelense.

O objetivo deste trabalho é verificar como o fotojornalismo, em situações de conflito, busca, na crueza e visceralidade das imagens, fazer incursões ao território do simbólico e do imaginário, constituindo-se como espaço contemporâneo privilegiado de formação de textos culturais, segundo a dinâmica descrita pelo semioticista tcheco Ivan Bystrina (1995). Neste sentido, uma questão de base se apresenta: como esta força de geração de sentido, própria do simbólico no domínio do imaginário, coloca-se a serviço, nas molduras políticas e ideológicas do jornalismo, da destituição signica da alteridade, demarcando as mesmas condições de expressão por meio das imagens, a saber, os estereótipos?

Para lidar com este jogo de representações, em que o leitor é convidado tanto a lembranças simbólicas quanto ao cumprimento de expectativas de seu olhar através dos estereótipos, este trabalho faz um percurso por sete capas do jornal *Folha de S. Paulo* que faziam referência imagética do conflito. O conjunto de imagens analisadas faz parte da dissertação de mestrado “Um certo Oriente: a caracterização de

palestinos e israelenses na cobertura fotográfica da *Folha de S. Paulo*” que teve como recorte de análise a cobertura fotográfica presente nas capas do jornal diário em cinco momentos diferentes de recrudescimento do conflito:

- 1947 a 1948, o estabelecimento do Estado de Israel;
- 1967, a Guerra dos Seis Dias e a ocupação israelense da Faixa de Gaza e Cisjordânia;
- 1987 a 1988, o início da primeira Intifada palestina;
- 2000 a 2004, a segunda ou Intifada de Al-Aqsa;
- Dezembro de 2008 a janeiro de 2009, período do maior ataque israelense sobre a Palestina dos últimos 40 anos.

Nos cinco períodos selecionados foram encontradas 47 capas que traziam fotografias do conflito, com 54 imagens. Destas, 23 foram analisadas na dissertação. Para este artigo, foram selecionadas sete imagens das 22 publicadas pela *Folha de S. Paulo* durante o último período escolhido. A escolha das imagens que aparecem aqui foi feita levando em consideração o espaço delimitado para a discussão e a representatividade destes objetos de investigação quando tomados como marcos simbólicos da cobertura e edição do material produzido sobre o conflito. Todas as fotografias que aparecem neste trabalho são provenientes de agências internacionais, já que em nenhum momento a *Folha de S. Paulo* enviou um fotógrafo correspondente próprio para a região. As cópias das capas foram coletadas no Banco de Dados da *Folha de S. Paulo*, no Arquivo de microfilmes do Centro Cultural São Paulo e do Arquivo Público do Estado de São Paulo, todos localizados na capital do estado citado.

As leituras propostas neste artigo não se fecham em decorrência da natureza polissêmica e complexa de toda imagem, por mais que ela evidencie seu direcionamento ideológico.



Figura 1. Folha de S. Paulo (28 de Dez. de 2008), Capa.



Figura 2. Fotografia publicada na capa, 28 de Dez. de 2008.

Palestinos retiram corpo em Rafah (Faixa de Gaza) na maior ofensiva simultânea realizada desde então por Israel em mais de 40 anos.

Crédito: Hatem Omar/Associated Press.

Na Figura 2, o fotógrafo Hatem Omar, palestino, fotografa o carregamento improvisado de um corpo por cinco homens. À primeira vista, pode-se distinguir o cenário “apocalíptico”, seja pela espessa fumaça que os cerca, seja pela falta de referenciais domésticos. Em um segundo momento, os olhos vão naturalmente aos pontos áureos da imagem, onde estão os dois homens da frente. O corpo carregado só chama nossa atenção depois. Há grande gestualidade na fotografia: o homem mais à esquerda levanta o braço num gesto de indignação ou socorro enquanto os outros têm expressões de esforço. A identidade racial ou a religião destes personagens não é identificada imediatamente como árabe ou islâmica, com exceção da *taqyya* que um dos homens usa na cabeça. Desta escolha fotográfica pode-se inferir que o olhar do autor da imagem não está, como o dos leitores (ou dos fotógrafos de agências ocidentais), impregnado ideologicamente de estereótipos e “tipos” singulares.

Somente após circular pela imagem outras vezes se percebe que as figuras em segundo plano parecem petrificadas, descoloridas e imersas na fumaça da destruição. Este pano de fundo se repetirá em muitas outras imagens: escombros, cinzas, fogo e a população em fuga. O jornal diário com sua própria dose do apocalipse. As imagens de destruição constituem-se, neste aspecto, como um padrão representacional evocando no imaginário das religiões abraâmicas o texto cultural do apocalipse, que demarca um período de instauração de uma nova ordem teocrática a partir do caos.



**Figura 3.** – Folha de S. Paulo (29 de Dez. de 2008), Capa.



**Figura 4.** Fotografia publicada na capa. 29 de Dez. de 2008.

Família palestina passa por prédio em chamas após míssil israelense ter atingido campo de refugiados de Rafah, no segundo dia de bombardeios na Faixa de Gaza.

Crédito: Eyad Baba/Associated Press.

Na fotografia de 29 de dezembro de 2008 (Figura 4), o poder simbólico dos elementos é bastante forte: uma família, a mãe chorando, a criança com olhar estupefato, o pai em atitude claramente protetora e, ainda, escombros. O olhar mais atento revela particularidades que não são vistas facilmente em fotografias de palestinos: a mulher usa joias, é

branca e tem as unhas pintadas de vermelho; o menino não está machucado ou sangrando, usa uma roupa de bebê de lã artesanal; o pai está em uma atitude de defesa e não de revolta. Aqui a família é emoldurada por um ambiente destruído, com fogo e fumaça, semelhante à moldura da imagem anterior.

O fotógrafo escolheu um ângulo que favorece uma representação quase bíblica da tríade José, Maria e o menino, fugindo da perseguição de Herodes, rei da Judeia. A comparação ao mesmo tempo universaliza a figuração, como também identifica os personagens naquele espaço territorial onde são protagonizadas as mais diferentes questões religiosas envolvendo o cristianismo. Ainda que apenas uma pequena faixa populacional seja cristã nesta área, é preciso atentar para as características sociais e religiosas que o público ocidental tem, às quais as agências internacionais e os editores do jornal diário atentam sempre que fazem suas escolhas imagéticas.

Pode-se também relacionar o uso constante de famílias, mães sofredoras e crianças vulneráveis à automática relação que fazemos com o repertório de narrativas de guerra e conflito e também ao arcabouço de figurações arquetípicas das quais fazemos uso tanto para figurar como para compreender uma imagem ou texto. De acordo com Jung (2000, p. 91),

A princípio ele (o arquétipo) pode receber um nome e possui um núcleo de significado invariável, o qual determina sua aparência, apenas a princípio, mas nunca concretamente. O modo pelo qual, por exemplo, o arquétipo da mãe sempre aparece empiricamente, nunca pode ser deduzido só dele mesmo, mas depende de outros fatores.

No caso da fotografia de Eyad Baba (Figura 4), temos a *mater dolorosa* e seus atributos de imagem primordial mais recorrentes: a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, aquele que irá suprir as necessidades de crescimento e alimentação (JUNG, 2000, p.92). A respeito da criança – que aparece repetidamente na cobertura deste conflito –

sua representação está normalmente em primeiro plano, no centro das imagens e não raras vezes a presença dos pais serve apenas para narrar sua impotência diante do perigo iminente. As crianças representam a ideia de futuro potencial. Tanto na subjetividade coletiva ou individual, a criança aparece como devir, o símbolo de um fluxo, de unificação dos opostos, um mediador ou um portador da salvação (JUNG, 2000, p.165).

Apesar do pano de fundo apocalíptico, a imagem da família em fuga foge do lugar comum presente em fotografias que se conformam ao estereótipo da criança ou da mulher vitimada ou da violência inerente ao homem ou ao habitante local. Neste caso, é pertinente distinguir arquétipo, como uma imagem evocada do inconsciente, que reforça e enriquece a dimensão do sentido no plano da consciência, da noção de estereótipo, que, pela sua reiteração exagerada, limita e esvazia o sentido.

Na capa de 1º de janeiro (Figura 6) a fotografia do palestino Mohammed Saber é dramática, até cenográfica. Pela legenda se fica sabendo que um palestino nacionalista coloca a bandeira do Hamas sobre os es-



**Figura 5.** Folha de S. Paulo (1º de janeiro de 2009), Capa.



**Figura 6.** Fotografia publicada na capa. 1º de janeiro de 2009.

Homem finca bandeira do grupo Hamas ao lado de mesquita destruída na cidade de Gaza pelos bombardeios aéreos israelenses. Crédito: Mohammed Saber/Efe.



combros em sinal de resistência. Centralizada no retângulo fotográfico, a bandeira esfarrapada chama a atenção e cria uma composição eficiente com a torre da mesquita na perpendicular. Aqui, os eixos de geração de sentido<sup>3</sup> de Pross (1980) podem ser lembrados: o ponto de vista do espectador é “contra plongé”, saindo da terra (coberta de entulhos, totalmente negativa) indo em direção ao céu que se abre ligeiramente logo acima da união da bandeira com a torre de uma mesquita. A fotografia explora bem a relação acima/abaixo e claro/escuro, além de associar a bandeira do Hamas ao símbolo religioso muçulmano. Eliade (2008, p. 38) escreve que a comunicação com o Céu é expressa por certo número de imagens referentes ao *Axis Mundi*: pilar, escada, montanha, árvore, mastro. Também segundo o autor, a tradição israelita crê que a Palestina, sendo a região mais elevada, não foi submersa pelo Dilúvio. Para os islâmicos, o lugar mais elevado da Terra é a *kâ'aba*, pois a “estrela polar testemunha que ela se encontra defronte do centro do Céu”. Para os cristãos é o Gólgota que se encontra no cume da Montanha cósmica. Estas crenças exprimem o mesmo sentimento religioso: “nosso mundo é a terra santa porque é o lugar mais próximo do Céu, porque daqui, dentre nós, pode-se atingir o Céu; nosso mundo é, pois, um ‘lugar alto’.” (ELIADE, 2002, p. 40).

Imediatamente, é possível associar a fotografia de Saber à dos marinheiros levantando a bandeira americana depois da conquista de Iwo Jima (Figura 8), ou mesmo à bandeira comunista erguida no Parlamento da Alemanha nazista no dia 2 de maio de 1945 (Figura 9). Ou, voltando ainda mais, podemos associar a bandeira do Hamas da fotografia de Mohammed Saber com ao famoso quadro de Eugène Delacroix (Figura 7), *La Liberté Guidant Le Peuple* (A liberdade guiando o povo), símbolo da Revolução Francesa. A perfeita composição e as inúmeras associações levam a crer que a fotografia de Gaza tenha sido montada, assim como as de Iwo Jima e a dos comunistas. É o ponto de vista palestino se fazendo ver através das lentes do fotógrafo e das grandes agências.

<sup>3</sup> Em *Estructura Simbólica del Poder*, o cientista da mídia Harry Pross (1980) examina eixos geradores de sentidos na comunicação política, tendo por base experiências humanas pré-predicativas, a saber: dentro/fora, acima/abaixo e claro/escuro.

Em todas estas imagens a organização dos elementos converge para o sentido mais óbvio: o triunfo. Tal estratégia é comum em países ou nações que historicamente se notabilizam por uma postura imperialista. No caso específico da bandeira partidária do Hamas, a citação alcança uma ambiguidade entre a luta e o triunfo pelo território e uma ação derrisória de uma nação incapaz diante da força bélica israelense, ainda mais se levarmos em conta a precariedade da bandeira verde empunhada pelo palestino.

A seguir, as correlações por similaridade de repertório (Figuras 7, 8 e 9) que aparecem quando se observa com cuidado a imagem de Saber e se percebe a bandeira como elemento positivo mais significativo em contraposição ao caos predominante no restante do campo de visão das imagens apresentadas:



**Figura 7.** La Liberté Guidant le Peuple. Crédito: Eugène Delacroix Rosenthal.



**Figura 8.** Iwo Jima. Crédito: Fotografia de Joe.



**Figura 9.** Bandeira comunista erguida no Parlamento da Alemanha nazista. Crédito: Yevgeny Khaldei, 2 de maio de 1945.



Figura 10. Folha de S. Paulo (7 de janeiro de 2009), Capa.



Figura 11. Fotografia publicada na capa. 7 de Jan. de 2009.

Palestinos carregam corpo de menina achada entre os escombros de casa atingida por Israel; estima-se que mais de 100 crianças tenham morrido no conflito.

Crédito: Fadi Adwan/Associated Press.

O observador sente ao mesmo tempo fobia e filia pela imagem da criança morta (Figura 11): a eterna atração do homem pelo mórbido, pela atrocidade. Persichetti (2006, p. 184) observa que:

Não existe mais a fotografia de guerra, existe o drama: a viúva jogada por sobre o corpo do marido, a mãe *madonna* que chora o filho, camponeses com o olhar perdido frente às suas casas levadas pela enchente ou pelo terremoto. Um drama estético que, se aparentemente quer substituir a foto-choque, na verdade se presta ao mesmo papel. Ou seja, comove, mas não informa.

A morte da menina é tão importante que o homem que a carrega teve a cabeça cortada pelo fotógrafo. Só a menina morta é relevante. Apesar da aparente necessidade de chocar, de obrigar o leitor a pensar em seus próprios filhos, a opção por publicar este tipo de imagem causa

controvérsia, como provou o envio de cartas e e-mails à redação da parte dos leitores revoltados. Consensualmente não se publicam fotografias de rostos de crianças mortas, assim como não se noticiam suicídios ou se usa linguagem que promove a discriminação ou ódio racial. As exceções normalmente são abertas para crianças ‘orientais’, que não se parecem com as “nossas”. Não importa aqui a nacionalidade do fotógrafo, pois, afinal, é a seleção editorial que define o potencial de impacto da fotografia.

Em seu trabalho sobre a imagem da criança na imprensa brasileira, Angela Farah percebe que “a representação da criança brasileira afetada pela violência ou mesmo vítima direta da violência nos jornais analisados não deixa ver o sangue e as marcas efetivas da agressão à infância”. (FARAH, 2009, p. 10). Sontag já especulou o papel das imagens mórbidas e escreveu que o objetivo talvez fosse mostrar o horror de forma muito clara para que as pessoas enfim compreendessem o absurdo da guerra (SONTAG, 2003, p.17), e na mesma linha ainda:

Essas imagens trazem uma mensagem dupla. Mostram um sofrimento ultrajante, injusto e que deveria ser remediado. Confirmam que esse é o tipo de coisa que acontece naquele lugar. A ubiquidade dessas fotos e desses horrores não pode deixar de alimentar a crença na inevitabilidade da tragédia em regiões ignorantes ou atrasadas – ou seja, pobres – do mundo. (SONTAG, 2003, p. 62).

Morin complementa a questão quando afirma que a dor da morte é uma dor individual, precisa ser presente e reconhecida. Quanto mais próximo o morto, mais único o sentimento, mais violenta a dor, “não há nenhuma ou há poucas perturbações por ocasião da morte do ser anônimo, que não era insubstituível.” (MORIN, 1988, p. 31). Já para Souza (2004), o primeiro item da questão ética-deontológica no fotojornalismo atual é ceder ou não à estética do horror.

Diante da “irreversibilidade” da morte cruel em lugares atrasados e da relação de distanciamento que existe entre nós, *voyeurs* ocidentais, chegamos ao ponto imprescindível de comentar o conceito de orientalismo

presente no pensamento de Edward Said (2007). Para ele, o orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção epistemológica e ontológica entre o “Ocidente e o Oriente”. Essa distinção fundamental seria o ponto de partida para a elaboração de teorias, romances, obras de arte e outras peças culturais sobre o Oriente, seus povos e costumes. Porém, o orientalismo não seria apenas uma forma de representar o Outro, é também uma estratégia para estereotipar o Outro, através de um discurso baseado na oposição fundamental: Oriente *versus* Ocidente. A ideia de orientalismo representa, para Said, uma boa fatia do pensamento moderno que envolve a dominação física e cultural da região chamada de Oriente (e Oriente Médio).

Assim, os termos fundamentalismo, terrorismo islâmico, xiita e outros tantos que inspiram terror no imaginário ocidental são fruto de um exagero de discursos e imagens do que Said (2007, p. 381) chama de ‘demônios estrangeiros’:

Assim, opor-se à anormalidade e ao extremismo embutidos no terrorismo e no fundamentalismo (...) significa também defender a moderação, a racionalidade, a centralidade executiva de uma moralidade vagamente designada ‘ocidental’ (ou qualquer outra moral assumida em termos patrióticos ou regionais). O irônico é que, longe de dotar a moralidade com a confiança e ‘normalidade’ segura que associamos ao privilégio e à retidão, essa dinâmica ‘nos’ imbuí com uma defensividade e fúria farisaica que acaba vendo os ‘outros’ como inimigos, dispostos a destruir nossa civilização e nosso modo de vida.

A imprensa internacional reitera alguns rótulos para as ações ocidentais no Oriente, tais como ‘Cruzada contra o terror’ e luta contra o ‘Império do Mal’: senso comum que contrapõe o laicismo democrático ocidental ao fundamentalismo religioso oriental sem iluminar, no entanto, relações que esclareçam as relações entre símbolos religiosos, figurações políticas e demarcações geográficas. Eliade (2002, p. 48) percebe que “nos nossos dias ainda são utilizadas as mesmas imagens quando se

trata de formular os perigos que ameaçam certo tipo de civilização: fala-se de “caos”, de “desordem”, das “trevas” onde “nosso mundo” se afundará”. Para ele, isso prova que as imagens-padrão sobrevivem ainda na linguagem e nos chavões do homem não religioso.

A necessidade de forçar a criação de um Oriente que seja a inversão do Ocidente obedece ao princípio básico da oposição binária da cultura, na qual a forma de organização simbólica mais fundamental é dada pela contraposição dos polos positivo e negativo, este último ocupando maior espaço nas narrativas midiáticas, tendo em vista que a relação entre polos é assimétrica. Essa assimetria seria dada, segundo Bystrina (1995), pela presença da morte diante de toda expectativa humana, fazendo com que os homens criem então estratégias simbólicas para superá-la ou escamoteá-la, originando assim textos imaginários.

A noção estanque de um imaginário que se coloca apenas como o conjunto de imagens de uma cultura deve ser substituído pelo campo de força de textos imaginativos que são mobilizados conforme o interesse político e ideológico presente na mídia, particularmente na *Folha*. Morin (1997) nos alertava sobre a natureza do imaginário como campo, nas galáxias mentais, que se desdobra nos sonhos e nos pesadelos humanos, mesmo com o nascimento da cultura de massas. Dessa maneira, o imaginário seria o lugar em que a força imaginativa tenciona a sedimentação de modelos no processo de industrialização da cultura, Malena Segura Contrera (2011), mais recentemente, descreve como ao longo dos anos este imaginário, descrito por Morin no início da década de 60, passa a ser vampirizado pelo que a autora denomina de imaginário midiático, lugar onde a forma arquetípica cede apenas sua casca para uma espécie de vazio discursivo.

É neste sentido, de esvaziamento do imaginário, que as operações de sentido, a mobilização de estereótipos e a instrumentalização ideológica de imagens devem ser pensadas. Por meio das fotografias e suas articulações de sentido, a *Folha* reitera mais do que a superioridade ocidental e a conseqüente necessidade civilizacional do Oriente Médio; ela dá testemunho do esvaziamento de um imaginário cultural em favor de um imaginário midiático.



Figura 12. Folha de S. Paulo (8 de janeiro de 2009), Capa.



Figura 13. Fotografia publicada na capa. 8 de janeiro de 2009.

Mulher israelense protege os filhos durante alerta de ataque com foguetes em kibutz no sul de Israel, próximo à faixa de Gaza. Crédito: Jack Guez/France Presse.



Figura 14. Folha de S. Paulo (10 de janeiro de 2009), Capa.



Figura 15. Fotografia publicada na capa. 10 de janeiro de 2009.

Palestinos andam de carroça durante novo dia de bombardeios israelenses à Cidade de Gaza. Crédito: Abid Katib/Getty Images.



Figura 16. Folha de S. Paulo (14 de janeiro de 2009), Capa.



Figura 17. Fotografia publicada na capa. 14 de janeiro de 2009.

Palestina conduz ovelhas diante de edifício destruído por ataques israelenses à Cidade de Gaza, cuja invasão entrou em ritmo lento.  
Crédito: Mohammed Abed/France Presse.

Nas imagens de 14 de janeiro de 2009 (Figura 17) e 10 de janeiro de 2009 (Figura 15), se dá a retomada de algumas associações. A mais perceptível delas é a retratação das pessoas em cenas consideradas pelo senso comum como arcaicas e antiquadas. Acima, uma mulher com vestimentas tradicionais pastoreia ovelhas através dos escombros resultantes do conflito. Na fotografia de 10 de janeiro (Figura 15) homens conduzem uma carroça pelas ruas, sendo que o mais velho usa *keffiyeh* (lenço de cabeça palestino). Obtidas por lentes palestinas, as imagens dão pistas de que seus autores – mesmo conhecendo as muitas nuances de sua sociedade – optaram por estas cenas para relacionar o modo de vida dali com tradições tão antigas quanto aquelas descritas pelas escrituras sagradas. Podem querer dizer: Nós já estávamos aqui! Ou ainda: Nós ainda vivemos assim, enquanto os israelenses têm casas e carros e cidades modernas. O cidadão de Israel adquire nas imagens aqueles atributos que Goffman (1978) percebeu nos estigmas: somente os que



são congruentes com o estereótipo que se tem dele. Os judeus são quase europeus, quase como Nós.

A respeito da diferenciação antropológica que podemos fazer entre povos mais ou menos atrasados e incivilizados, podemos invocar Victor Turner (1974, p.54):

[...] em matéria de religião, assim como de arte, não há povos “mais simples”, há somente povos com tecnologias mais simples do que as nossas. A vida “imaginativa” e “emocional” do homem é sempre, e em qualquer parte do mundo, rica e complexa. Faz parte de minha incumbência exatamente mostrar quanto pode ser rico e complexo o simbolismo dos ritos tribais. Também não é inteiramente correto falar da “estrutura de uma mentalidade diferente da nossa”. Não se trata de estruturas cognoscitivas diferentes, mas de uma idêntica estrutura cognoscitiva, articulando experiências culturais muito diversas.

Para nós, ocidentais, o estereótipo vem a calhar, porque nos ajuda a entender quem são eles e quem somos nós. A alteridade se estabelece como momento de comunicação e de alteração singular da individualidade. Em seu estudo sobre o estrangeiro, o filósofo e sociólogo alemão Georg Simmel mostrou que a relação deste com os nativos de uma terra determinada é, por essência, absolutamente complexa e cheia de ambiguidade: é uma relação composta de incompreensão e de intimidade, obviamente subjetiva mas também nutrida por uma dimensão objetiva que “não envolve simplesmente passividade e afastamento; é uma estrutura particular composta de distância e proximidade, indiferença e envolvimento.” (SIMMEL, 1983, p.184). Os comentários de Todorov (2003) acerca da conquista da América são reveladores nesse sentido. Segundo ele, “a primeira reação, espontânea, em relação ao estrangeiro é imaginá-lo inferior, porque diferente de nós: não chega nem a ser um homem; e, se for homem, é um bárbaro inferior.” (TODOROV, 2003, p. 106). Todorov escreve que em diversas culturas do mundo, os povos chamam seus vizinhos que falam outras línguas e têm outros costumes de “os mudos”.

Nas capas da *Folha de S. Paulo*, a relação do leitor com este Outro árabe se dá em grande parte no terreno do discurso emotivo. Aquele que julga pela empatia e semelhança ou pelo repúdio pelo que é diverso. Principalmente quando se trata da morte desse dessemelhante, a imprensa (e seus leitores, conseqüentemente) afrouxa suas amarras éticas e estéticas em prol da visibilidade total, do choque que vende notícia. Ainda que bravamente se argumente que a fotografia repulsiva é uma arma de mobilização, há os que pensam diversamente. Michel Foucault (2000, p. 305), por exemplo, vê esta relação de modo mais radical. Para ele, a morte do Outro não acontece na minha vida, não afeta a minha segurança pessoal, “a morte do Outro, a morte da raça ruim, da raça inferior (ou do degenerado, ou do anormal), é o que vai deixar a vida em geral mais sadia; mais sadia e mais pura”.

Portanto, a produção de sentido na imagem jornalística deve levar em conta processos de condicionamento que passam tanto pelo imaginário e pelo repertório cultural do leitor, além é claro da mobilização de imagens que se situam no plano do inconsciente. Adentrar este universo de sentido implica lançar-se do mesmo modo ao jogo de aproximação e distanciamento dado pelo fotógrafo, prever os riscos do jogo de visibilidade e invisibilidade cujas regras são ditadas pelo editor jornalístico. Mas, acima de tudo, estar ciente do que Kamper (1997) designa como órbita imaginária, cuja densidade na sociedade midiática refrata as investidas do olhar a um mundo de novas imagens.

## Referências

- BYSTRINA, I. *Tópicos de semiótica da cultura*. São Paulo: CISC, 1995 (pré-print).
- CHOMSKY, N. Barack Obama e Israel Palestina. *Terra Magazine*, 2009. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/colunistas>>. Acesso em: 05 dez. 2010.
- ELIADE, M. *O sagrado e o Profano*. Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2008.
- FARAH, A. A Representação Visual da Criança na Imprensa Brasileira: uma Análise dos Jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. *INTERCOM*, Curitiba, 2009. CD-ROM.

- FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- KAMPER, D. Os padecimentos dos olhos. In: CASTRO, G.; CARVALHO, A.; ALMEIDA, C. (Org.). *Ensaaios de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MORIN, E. *O homem e a morte*. Lisboa: Europa-América, 1988.
- PERSICHETTI, S. A encruzilhada do fotojornalismo. *Discursos Fotográficos*, Londrina, v. 2, n. 2, p. 179-190, 2006.
- PROSS, H. *La estructura simbólica del poder*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980.
- SAID, E. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAIS, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ed. Ática, Col. Grandes Cientistas Sociais, 1983, p. 182-188.
- SONTAG, S. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- SOUSA, J. P. *Fotojornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- TURNER, V. *O Processo Ritual*. Petrópolis: Vozes, 1974.